

P.D. JAMES

MORTALHA
PARA UMA
ENFERMEIRA

TRADUÇÃO
Daniel Estill



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1971 by P. D. James
Proibida a venda em Portugal.

1ª edição brasileira: Francisco Alves Editora, 1984

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Shroud for a nightingale

Capa:
Elisa v. Randow

Foto de capa:
Bel Pedrosa

Preparação:
Ciça Caropreso

Revisão:
Isabel Jorge Cury
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

James, P. D.

Mortalha para uma enfermeira / P. D. James ; tradução Daniel Estill. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Shroud for a nightingale.
ISBN 978-85-359-1806-9

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) I.
Título.

11-00205

CDD-823.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa
823.0872

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*DEMONSTRAÇÃO DA MORTE**I*

Na manhã do primeiro assassinato, a srta. Muriel Beale, inspetora das Escolas de Formação de Enfermeiras junto ao Conselho Geral de Enfermagem, já estava acordada pouco depois das seis da manhã e, com um certo desânimo matinal, lembrou-se de que era segunda-feira 12 de janeiro, dia da inspeção do Hospital John Cappendar. Em meio à sonolência, registrara os primeiros sons familiares de um novo dia: o despertador de Angela, silenciado quase antes de ela ter consciência de que estava tocando; a própria Angela, andando e fungando pelo apartamento como um animal desajeitado mas amistoso; o tilintar agradável e antecipatório do chá sendo preparado. Obrigou-se a abrir os olhos, resistindo ao desejo insidioso de buscar novamente o aconchego da cama quentinha e deixar a mente escorregar para a abençoada inconsciência. Por quê, em nome de Deus, dissera à enfermeira-chefe Taylor que chegaria pouco antes das nove da manhã para acompanhar as estudantes do terceiro ano em sua primeira aula prática do dia? Um horário absurdo! Cedo demais! O hospital ficava em Heatheringfield, na divisa entre Sussex e Hampshire; teria de percorrer mais de oitenta quilômetros, boa parte dos quais antes de o dia clarear. Além disso, chovia, como vinha acontecendo com monótona persistência havia já uma semana. Dava para ouvir o chiado distante dos pneus dos carros na avenida Cromwell e o tamborilar ocasional dos pingos

d'água nos vidros da janela. Ainda bem que tivera o cuidado de conferir o mapa de Heatheringfield para encontrar a localização exata do hospital. Uma cidade-mercado em crescimento, especialmente quando desconhecida, pode virar um labirinto e uma perda de tempo para o motorista preso no emaranhado de veículos levando pessoas ao trabalho, sobretudo numa manhã chuvosa de segunda-feira. Instintivamente, pressentiu que seria um dia difícil e espreguiçou-se debaixo das cobertas, reunindo forças para enfrentá-lo. Esticando os dedos rígidos, chegou quase a apreciar a momentânea fisgada de dor nas juntas retesadas. Um começo de artrite. Bem, era de se esperar. Tinha quarenta e nove anos, afinal de contas. Já estava na hora de levar a vida com um pouco mais de suavidade. O quê, em nome de Deus, a fizera achar que conseguiria chegar a Heatheringfield antes das nove e meia?

A porta se abriu, deixando entrar uma nesga de luz. Angela Burrows afastou as cortinas com um gesto brusco, investigou o céu escuro de janeiro e o vidro respingado de chuva e fechou-as outra vez. “Está chovendo”, disse, com a satisfação sombria de quem profetizou o mau tempo e não quer ser responsabilizado pela pessoa que ignorou seu aviso. A srta. Beale se apoiou no cotovelo, acendeu o abajur e aguardou. Em alguns segundos, a amiga voltou e acomodou a bandeja matinal. A toalha que cobria a bandeja era de linho bordado e engomado, as xícaras floridas estavam arrumadas com as asas alinhadas, os quatro biscoitos nos dois pratinhos da mesma louça estavam posicionados com precisão, dois de cada tipo, e o bule exalava um perfume delicado de chá-da-índia recém-preparado. As duas mulheres nutriam profunda adoração pelo conforto e eram obcecadas por arrumação e ordem. Os padrões que um dia haviam implantado na ala particular de seu hospital-escola também eram aplicados a seu conforto, de modo que a vida no apartamento não era muito diferente da de uma clínica de repouso cara e tolerante.

A srta. Beale dividia o apartamento com a amiga des-

de a formatura de ambas na mesma escola normal, vinte e cinco anos antes. A srta. Angela Burrows era diretora de ensino de um hospital-escola em Londres. Na opinião da srta. Beale, ela era o paradigma da professora de enfermagem e em todas as suas inspeções inconscientemente estabelecia seus padrões de acordo com os frequentes pronunciamentos da amiga sobre os princípios das boas práticas do ensino de enfermagem. A srta. Burrows, por sua vez, especulava sobre como o Conselho Geral de Enfermagem sobreviveria quando chegasse a hora de a srta. Beale se aposentar. Os matrimônios mais felizes têm esse tipo de ilusão reconfortante como base, e a relação das srts. Beale e Burrows, ainda que de outro tipo, essencialmente inocente, se apoiava em bases muito semelhantes. Tirando esse fator da admiração recíproca não declarada, elas diferiam muito uma da outra. A srta. Burrows era robusta, sólida e poderosa, ocultando uma sensibilidade vulnerável debaixo de uma fisionomia rígida, impregnada de bom senso. A srta. Beale era miúda, tinha jeito de passarinho, movimentos e fala precisos, afetados por uma gentileza ultrapassada que algumas vezes a fazia correr o risco de parecer ridícula. Mesmo os hábitos fisiológicos das duas eram diferentes. Ao primeiro toque do despertador, a pesada srta. Burrows acordava para a vida e se mantinha positivamente cheia de energia até a hora do chá da tarde; depois disso, à medida que a noite caía, mergulhava numa letargia sonolenta. Todos os dias a srta. Beale abria os olhos pesados com relutância, obrigava-se a cumprir as primeiras tarefas do dia e ia ficando cada vez mais animada à medida que o dia avançava. As duas haviam conseguido conciliar até mesmo essa incompatibilidade. A srta. Burrows preparava o chá da manhã prazerosamente e a srta. Beale lavava a louça do jantar e se encarregava do chocolate da noite.

A srta. Burrows serviu as duas xícaras de chá, pôs dois cubos de açúcar na xícara da amiga e foi com a sua para a cadeira ao lado da janela. Ainda jovem aprendera a jamais sentar-se na cama. Disse: “Você precisa sair cedo. Acho que vou preparar seu banho. A que horas começa?”.

A srta. Beale murmurou em voz baixa que dissera à enfermeira-chefe que chegaria por volta das nove horas. O chá estava abençoadamente doce e estimulante. A promessa de partir assim cedo fora um erro, mas ela estava começando a achar que afinal de contas conseguiria chegar às nove e quinze.

“A enfermeira-chefe é a Mary Taylor, não é? Ela tem ótima reputação, para uma chefe de enfermagem de hospital de província. É surpreendente que nunca tenha vindo para Londres. Pensar que ela nem mesmo se candidatou ao cargo quando a senhorita Montrose se aposentou...” A srta. Beale murmurou algo incompreensível, mas como não era a primeira vez que tinham aquele diálogo, foi corretamente interpretada pela amiga como tendo feito um protesto no sentido de que nem todo mundo quer ir para Londres e de que as pessoas têm a mania de achar que nada de interessante acontece no interior.

“Isso é verdade, claro”, ela concordou com a amiga. “E o John Carpendar fica num lugar muito agradável. Gosto daquela região, perto da fronteira com o Hampshire. Pena que essa sua visita não seja no verão. De todo modo, não se compara a ser enfermeira-chefe de um hospital-escola importante. Uma pessoa com a capacidade dela... Hoje ela poderia ser uma referência em enfermagem.” Em seus tempos de estudante, ela e a srta. Beale tinham sofrido nas mãos de uma dessas “referências da enfermagem”, mas ambas lamentavam profundamente o desaparecimento daquela linhagem aterrorizante.

“Aliás, acho bom você correr. A estrada está em obras um pouco antes do desvio de Guildford.”

A srta. Beale não perguntou como a outra sabia que a estrada estava em obras. Era o tipo de coisa que a srta. Burrows invariavelmente sabia. A voz cordial prosseguiu:

“Esta semana encontrei a Hilda Rolfe, diretora de ensino de lá, na biblioteca de Westminster. Que mulher extraordinária! Inteligente, é claro, e sabidamente professora de primeira, mas desconfio que aterroriza os alunos.”

A srta. Burrows frequentemente aterrorizava seus próprios alunos, isso para não falar em suas colegas de profissão, mas ela ficaria muito surpresa se alguém lhe dissesse isso. A srta. Beale perguntou:

“Ela mencionou alguma coisa sobre a inspeção?”

“Só de passagem. Tinha ido devolver um livro e estava com pressa, não conversamos muito. Parece que houve uma epidemia de gripe na escola e que metade da equipe está doente.”

A srta. Beale achou estranho a diretora de ensino encontrar tempo para visitar Londres e devolver um livro no momento em que enfrentava problemas tão difíceis com sua equipe, mas não disse nada. Antes do café da manhã a srta. Beale reservava suas energias para pensar, não para falar. A srta. Burrows deu a volta na cama para servir uma segunda xícara à amiga. Disse:

“Bom, com um tempo desses e metade dos professores com gripe, parece que você vai ter um dia muito entediante.”

Como as duas viriam a repetir uma para a outra ao longo dos anos com a reconfortante tendência que cultivavam de reafirmar o óbvio — um dos prazeres da longa intimidade —, a srta. Burrows não poderia estar mais errada. A srta. Beale, achando que o pior que o dia poderia lhe reservar era uma viagem tediosa, uma inspeção árdua e uma possível discussão com os membros do Comitê de Formação de Enfermeiras que se dignassem a comparecer, puxou o penhoar para os ombros, enfiou os pés nos chinelos e se arrastou para o banheiro. Foram seus primeiros passos na direção de assistir a um assassinato.

II

Apesar da chuva, o percurso foi menos difícil do que a srta. Beale temera. A estrada estava boa, e pouco antes das nove da manhã ela já estava em Heatheringfield, a tempo